

Pesquisadores prestam tratamento humanizado aos pacientes com feridas crônicas

Expressão de alegria e gratidão. Essa é a principal característica visualizada entre os **36 pacientes** atendidos por professores e alunos do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Amazonas ([UEA](#)). O acompanhamento é feito no Laboratório de Estomaterapia, da Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA) e faz parte do projeto de pesquisa intitulado “Efeito da Película Protetora de Terpolímero nas Bordas de Úlceras Venosas”.

Os pacientes foram selecionados em janeiro na Fundação Hospital Adriano Jorge ([FHAJ](#)) e no Ambulatório Araújo Lima, em Manaus, e com o apoio dos seus respectivos médicos, receberam o convite dos professores para participar dos estudos. O grupo recebe tratamento específico para a **cicatrização** das feridas, com curativos a cada três dias. O atendimento é feito diariamente, de 8h às 12h, inclusive nos fins de semana e feriados. Além disso, são oferecidos **acompanhamento** nutricional e psicológico – com encontros semanais toda sexta-feira, de 10h às 12h.

Após dois meses de tratamento, os resultados já são comemorados pela equipe. “Temos uma professora para fazer, exclusivamente, o estudo da evolução do processo de cicatrização e já observamos resultados extremamente satisfatórios. Esse resultado influencia diretamente na auto-estima dos pacientes. Muitos deles já chegaram até nós sem esperanças e hoje estão otimistas com o tratamento”, afirma a coordenadora do projeto, professora Selma Perdomo.

O sucesso, na opinião dos profissionais e pacientes, é fruto da qualidade dos produtos utilizados, terapia adequada e principalmente pela frequência dos curativos. A aposentada Arcanja Evangelista da Silva, 63, fala com alegria sobre o sucesso de seu tratamento.

“Faz muito tempo que eu sofro com essa ferida e faço tratamento há pelo menos seis anos. Mas foi aqui que consegui melhorar, mesmo com poucos dias”, comenta Arcanja.

Para Maria de Nazaré Silva, 67, o tratamento renovou suas esperanças para voltar a ter qualidade de vida. “Antes de ser acompanhada pela equipe da UEA, eu passei quase um mês sem fazer curativo, o que agravou a minha situação. O paciente que não pode fazer curativos com frequência, assim como temos aqui, ele se isola e se não tiver muita fé em Deus é possível até que ele faça uma besteira: se jogue na frente de um ônibus, porque o odor fica insuportável”, declara.

A aposentada também conta que muitos pacientes encontram no grupo a atenção que falta dentro do próprio lar. “Todas as professoras só falam com a gente rindo e às vezes na nossa família nós não temos isso, não recebemos esse tratamento”, relata.

PROJETO DE PESQUISA

O projeto de pesquisa que trata os pacientes com **úlceras venosas** foi elaborado em 2012 e conta com uma equipe formada por oito bolsistas. Destes, quatro são professores e quatro são alunos do curso de Enfermagem. A equipe é composta, ainda, por mais duas voluntárias e duas alunas do Programa de Residência em Enfermagem, da UEA, que estudam questões específicas da Gerontologia.

Os 36 pacientes serão acompanhados até o mês de maio, quando retornarão aos hospitais nos quais iniciaram o tratamento. “Estamos tratando com doenças crônicas. O paciente recebe um longo tratamento e, por isso, deverá retornar à equipe de saúde que pertencia anteriormente. Isso acontece porque temos um prazo específico de realização dos estudos”, explica Selma Perdomo.

Para o início do tratamento no Laboratório de Estomaterapia, da UEA, os pacientes realizaram exames de ultrassonografia dos membros inferiores para excluir a doença arterial, já que o foco do estudo é o tratamento de pessoas com úlcera venosa.

O projeto faz parte do Grupo de Pesquisa em Ciências da Saúde da ESA e contou com o apoio da Fundação Muraki, na aquisição de equipamentos e negociação para compra de produtos mais baratos e de boa qualidade. Para a implantação do Laboratório de Pesquisa em Estomaterapia, a UEA recebeu recursos financeiros de aproximadamente R\$ 400 mil.

TRATAMENTO

Um novo projeto, já escrito e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, terá como público alvo os pacientes que por algum procedimento cirúrgico tiveram que desviar o trânsito intestinal para o abdômen, chamados de **pacientes estomizados**.

O início desta atividade está prevista para janeiro de 2014 e os pacientes também serão selecionados pelos professores. “As pessoas com estomias precisam de cuidados específicos em relação à pele, orientações para a coleta de efluentes e reabilitação a sociedade de forma geral, pois se trata de uma fase muito dramática para cada um deles”, finaliza Perdomo.

Fonte: UEA